

A MASMORRA DE SADE: UM ENSAIO SOBRE A PERVERSÃO

*Natália Ferreira Damião**

RESUMO:

Freud conceitua a perversão pela primeira vez em sua obra “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”. No decorrer da estruturação de sua teoria, o autor reorganiza a concepção acerca do perverso, assim como outros o fizeram. Devido às peculiaridades da estrutura perversa, a escuta psicoterapêutica, por vezes, se torna delicada. No entanto, a clínica deve corresponder ao desafio, uma vez que ela possui recursos capazes de lidar com qualquer psicopatologia. Por fim, no intuito de ilustração, faz-se uma ponte com a legendária figura do Marquês de Sade, o qual inspirou não somente a própria Psicanálise, como também outros campos do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Perversão, Psicanálise. Psicoterapia. Marquês de Sade.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba. Endereço: Rua João Quirino, 372, Catolé, 58104-555, Campina Grande – PB. Telefone: (83) 9906-0001. E-mail: damiaonat@gmail.com

1 PERVERSÃO E TEORIA

Em “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1973) define perversão como a atividade sexual, que num sentido anatômico, se estende além das regiões do corpo que se destinam à união sexual, ou ainda aquelas que se demoram nas relações imediatas com o objeto sexual, que devem normalmente ser atravessadas rapidamente no caminho da direção ao objetivo sexual final.

Essa concepção foi elaborada há mais de cem anos atrás; desde então o conceito sobre a perversão foi melhor estruturado, salientando que o próprio Freud contribuiu com tal fato, quando em 1927, Freud discorre sobre o mecanismo de defesa inerente ao perverso – o desmentido. A partir desse ponto a perversão passa a se definir em relação ao significante fálico, em que a origem se determina pela impossibilidade de reconhecer a falta do falo na mulher (Queiroz, 2004).

Durante a fase fálica ocorre a organização e concentração de energia, antes dispersa em várias zonas erógenas, e agora concentrada no órgão sexual, em outras palavras, a referida fase é aquela na qual se conjuga a organização anatomofisiológica à organização psicológica e sexual. Isso dá todo relevo ao horror da castração no complexo feito de temor do pai rival e da mãe temível. Feito o confronto com a angustia de castração o perverso trata de abandonar os desejos libidinosos que pareciam querer conduzi-lo ao perigo. O complexo de Édipo é conservado inconsciente, enquanto uma regressão se produz paralelamente, em que a energia subtraída é utilizada em proveito de pulsões parciais (Chazaud, 1978).

De acordo com o mesmo autor, baseado nos trabalhos de Lacan, os perversos consideram o pai “castrado” por uma conservada todo-poderosa ou é o responsável pelo horror que o exclui do desejo da mãe. A castração renegada seria para o perverso “o que ele

deseja e a mutilação sangrenta que nenhuma palavra pode simbolizar em dom de amor” e toda ação perversa seria “uma tentativa desesperada e sempre repetida, de transformar o horror da castração em gozo” (Lacan apud Chazaud, 1978).

Em outras palavras, Fenichel (2000) afirma que o perverso típico concentra todas as energias sexuais em certo instinto parcial, cuja hipertrofia compete com a sua primazia genital. Entre as experiências fixadoras que se encontram na base das perversões estão as de satisfação sexual que, ao mesmo tempo, deram sentimento de segurança pela negação de um medo, ou pela oposição deste. Em síntese é através da perversão que o sujeito tenta provar a inexistência da castração.

Segundo Chazaud (1978) podemos assinalar certo número de traços perversos, os quais são:

1. A “descarga” sexual aberrante apresenta coloração compulsiva característica à base de parcialidade, de exclusivismo e de fixação. Está infiltrada de pulsões agressivas e, pelo menos, vingativas e reparadoras, que contribuem para as diferentes formas de mecanismo de defesa.

2. A condensação engloba a defesa, a angústia e o prazer, ao nível da prática perversa. Do mesmo modo, a culpa e a negação ao nível da procura de uma identidade, uma dentro da outra, como num “conjunto de tubos telescópicos”. Daí por diante, a perversão funciona com um logro na relação intersubjetiva e na economia do prazer. Instala-se no lugar da clara percepção do proibido, o único adequado para ligar as angustias imaginárias.

3. A estrutura é determinada pelo desmentido da diferença de sexos, dentro do contexto de sua impossível simbolização e da perturbação da idealização. Trata-se do efeito da falta de distância (pulsional) e de mediação na relação dos objetos significativos (pais), com anomalias na triangulação edipiana.

4. A angústia, fundamental na castração – em sua articulação para a posição “fálica narcísea” – é neste caso reforçada por uma angústia de separação e/ou de fusão.

Kohut (apud Gabbard, 1998) oferece um enfoque da psicologia do *self* em relação às perversões. Para este teórico a atividade perversa envolve uma tentativa desesperada de restaurar a integridade e coesão do *self* na ausência de respostas empáticas por parte dos outros, isto é, as manifestações comportamentais das perversões seriam um fenômeno secundário. Nas palavras do autor:

“Depois da quebra da unidade psicológica primária (empatia positivamente solicitada – fusão com o objeto do *self*), a pulsão parece um produto da desintegração; a pulsão então se empenha numa tentativa de recriar a fusão perdida (e então a reparação do *self*) por meios patológicos, ou seja, como representado nas fantasias e atitudes do perverso” (Kohut apud Gabbard, 1998).

2 PERVERSÃO, UMA REFLEXÃO

*“A mais elevada de todas as loucuras - dizia ela -,
é envergonharmo-nos das inclinações que recebemos da natureza;
e fazer pouco dum qualquer indivíduo que tem gostos singulares,
é absolutamente tão bárbaro
como o seria mofar dum homem ou duma mulher
saído zarolho ou coxo do seio da mãe,
mas insinuar estes princípios razoáveis a néscios
é empreender parar o curso dos astros.”*

Sade, *O Estratagema do Amor*

Por trás das palavras impactantes de Sade, esconde-se uma verdade indecorosa, motivo de transtorno a vários psicanalistas e outros profissionais da Psicologia e Psiquiatria. Sabe-se que vários teóricos frequentemente referem-se aos incômodos desencadeados pela escuta do perverso e, muitas vezes, são eles responsáveis pela recusa do profissional em escutá-los.

Em outras palavras, Serge André (Queiroz, 2004) comenta que o perverso se incumbe de desvelar a verdade acerca do próprio ser humano; a consequência deste discurso é o surgimento de sentimentos de violação em grande parte dos analistas.

Ao nos basear na analogia de Lacan (Queiroz, 2004) – a resistência do cliente é a resistência do analista – uma conclusão plausível seria a de que a resistência dos perversos em se manter em análise, ou qualquer outro modo de psicoterapia, derivaria de uma “recusa” dos profissionais em escutá-los.

Em suma, três barreiras fundamentais dificultam os trabalhos clínicos acerca das perversões: a crença de que poucos perversos se sustentam numa análise; a escuta do analista (ou outros profissionais) e sua capacidade de suportar os desafios que este tipo de analisante lhe impõe; e, por fim, de acordo com Clavreul (apud Queiroz, 2004) o “casal perverso” romperia a partir da revelação de suas práticas secretas, por um dos parceiros, a um terceiro, neste caso, o analista.

Contudo, o espaço da análise tem a capacidade plástica de transpor tais barreiras. Queiroz (2004) apresenta várias vias que ajudariam nessa transposição, utilizando-se de recursos que o perverso dispõe, manipulando o desmentido e criando novos dispositivos que ampliam a escuta. Como exemplo, a autora cita como aprendeu a fazer uma “forçagem” na escuta passiva, pois o olhar constitui para o perverso a confirmação permanente que jamais faltará um objeto para ser olhado; essa estratégia rompe com o padrão tradicional da psicanálise cujo olhar fica de fora.

Finalmente, na intenção de reformular e adaptar o trecho citado da obra de Sade na abertura desta seção, poderíamos dizer que o fato de um analista subestimar um perverso, é absolutamente tão bárbaro como o seria um oftalmologista “mofar” dum estrábico ou um ortopedista de um coxo, ou seja, isto seria “a mais elevada de todas as loucuras”.

3 COM VOCÊS, O MARQUÊS

Escritor francês, Donatien-Alphonse-François, o marquês de Sade, nasceu em Paris e morreu em Charenton. Descende de aristocrática família provençal – entre seus antepassados, no séc. XIV, encontra-se, paradoxalmente, Laura de Noves, a Laura dos amores platônicos de Petrarca. Sade entrou no exército e voltou da Guerra de Sete Anos como capitão de cavalaria. Em 1763 ocorreu o ‘caso de Aix-em-Provence’, cidade na qual o marquês, cedendo aos impulsos de sua perversão, torturou uma moça; foi condenado à morte, mas indultado (Enciclopédia Mirador, vol. 18, p 10146).

Casos de excessos parecidos repetiram-se em Arcueil e em Marselha. Varias vezes preso, Sade sempre conseguiu evadir-se. Em 1784 esteve encarcerado na Bastilha e em 1801 foi definitivamente internado no manicômio de Charenton, onde, em 1814, morreu.

Tendo passado tão grande parte de sua vida em prisões e manicômios, Sade teve relativamente poucas oportunidades de satisfazer seus instintos. Encontrou uma válvula de escape redigindo numerosos romances em que descreveu desenfreadas orgias sexuais, das quais estavam inclusas quase todos os tipos de perversões possíveis.

Suas obras mais importantes são: *Os 120 dias de Sodoma*, *Justine ou as desgraças da virtude*, *A Filosofia do toucador*, *Pauline e Belval*, *Julieta ou as prosperidades do vício*.

A literatura de Sade serve de espelho (embora que deformante) dos costumes da França do Antigo Regime, sendo indubitável o valor histórico e psicológico dos livros de Sade. Seus escritos vêm servir de inspiração a várias áreas culturais e artísticas. Seus contos e inclusive sua biografia são temáticas abordadas no cinema, inspirando filmes como *Contos Proibidos do Marquês de Sade*, *O Estratagema do Amor*, *Salò*, entre outros. Na música podemos citar como exemplo um trecho da letra de *Tarot*, da banda *Alien Sex Fiend*:

<i>The smell of sex is taking me over</i>	<i>O cheiro de sexo está me enlouquecendo</i>
<i>Aroma amour</i>	<i>Aroma amour</i>
<i>You're the perpetrator</i>	<i>Você é o perverso</i>
<i>Love me fast, love me hard.</i>	<i>Ame-me rápido, ame-me severamente</i>
<i>Shuffle the card in your backyard</i>	<i>Embaralhe as cartas no seu quintal</i>
<i>I'm the Marquis de Sade</i>	<i>Eu sou o Marquês de Sade</i>
<i>With the tarot card</i>	<i>Com a carta de tarô</i>

A figura de Sade serviu de inspiração inclusive no âmbito da psicopatologia. Krafft-Ebbing nomeou de sadismo o desejo de infligir dor no objeto sexual (Freud, 1973).

Prazer e dor, ensinava o Marquês, são uma “comoção de fluido nervoso”. E questionava: “Quem impede que esta comoção da dor, venha a excitar, neste fluido a mesma fogsidade que se propaga pelo aumento dos átomos emanados dos objetos de prazer? (...) Que pode haver de estranho em que um homem, dotado de órgãos tais como vimos de pintallos, pelos processos de seu adversário e pelos mesmos princípios de delicadeza, imagine emocionar o objeto que ao seu gozo pelos meios de que ele mesmo é tocado?” (apud Chazaud, 1978).

4 MENAGE A TROIS: SADE, PERVERSÃO E PSICANÁLISE

*“Lá, tudo se reproduz, lá tudo se regenera,
Dos mestres e pequenos a puta é a mãe,
E somos sempre igualmente caros a seus olhos
Quer monstros e celerados, quer bons e virtuosos”*

Sade, *A verdade*

Lacan propõe que leiamos seu conterrâneo, o Marquês de Sade, já que na opinião do primeiro, o ultimo descobre algo cujo terreno teria sido preparado pelo cristianismo: a descoberta de que existe algo de “não-natural” no desejo humano, algo que é irreduzível ao amor-próprio “natural”, ao amor como bem próprio e às paixões e compaixões que dele decorrem. Sade inventou uma grande erótica da interminável demonstração dessa verdade (Rajchman, 1993).

De acordo com Lacan (1986), o procedimento literário de Sade nos indica o acesso ao espaço do próximo na idéia de uma técnica orientada para o gozo enquanto não sublimado. Ao interrogar o valor da sublimação presente no testemunho de realidade da obra de Sade; Lacan (1986) questiona o real sentido do mencionado mecanismo de defesa proposto por Freud. É válido mencionar que para Freud, nas palavras do próprio Lacan, “a sublimação seria a transformação da tendência sexual numa obra onde cada um, reconhecendo seus próprios sonhos e suas próprias impulsões, recompensará o artista por dar-lhe essa satisfação proporcionando-lhe uma vida (...) feliz, e, por conseguinte dando-lhe efetivamente, o acesso à satisfação da tendência interessada no início (...)”. Sob essa perspectiva a obra de Sade seria sobretudo um fracasso considerando o tempo de sua vida gasto na prisão e em casas especializadas e levando em conta sua temática altamente pornográfica. Contudo sua obra já era grande sucesso quando vivo.

Para Serge André (1995), Sade era o responsável por revelar a face recalcada da libertinagem, tão em voga na época, através da substituição da falsa liberdade moral defendida pelos libertinos, por uma moral baseada na obediência estrita. Enquanto os libertinos pregavam o “podemos ter prazer, isso não é proibido”, Sade utilizava-se da máxima “devemos gozar, isso é uma obrigação”.

Na busca de um dizer que englobe um excesso do próprio gozo, Sade cria um paradoxo literário, pois na medida em que avança em direção a essa exigência, ele descobre a possibilidade de um novo excesso, um gozo excedente sempre imaginável (André, 1995).

Desta forma, será que Sade, ao nível da articulação da fantasia e do tratamento pode assumir a figura de um precedente de Freud? De acordo com Sade a meta fundamental da natureza é a morte, mas tal meta é contrariada pelo erotismo que a impede terminantemente de reaver seu repouso.

5 REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, S. *A Impostura Perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- CHAZAUD, J. *Perversões Sexuais – Enfoque Psicanalítico*. São Paulo: IBRASA, 1978.
- FENICHEL, O. *Teoria Psicanalítica das Neuroses*. São Paulo: Atheneu, 2000.
- FREUD, S. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- GABBARD, G. O. *Psiquiatria Psicodinâmica*. 2.ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário - a ética da psicanálise*. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, vol. 7.
- QUEIROZ, E. F. *A Clínica da Perversão*. São Paulo: Escuta, 2004.
- RAJCHMAN, J. *Eros e Verdade – Lacan, Foucault e a questão da ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- SADÉ, Marquês de. *Enciclopédia Mirador*. São Paulo: 1990, p. 10146. vol. 18.

THE DUNGEON OF SADE: AN ESSAY ON PERVERSION

ABSTRACT:

Freud evaluated perversion for the first time in his work "Three Essays on the Theory of Sexuality". During the framing of his theory, the author reorganize the conception into the perverse, as other authors did. Due to the peculiarities of the perverse structure, the psychotherapeutic listening, sometimes, turns delicate. Nevertheless, the clinic must correspond to the challenge, once it has resources capable to get along with any psychopathology. At last, in the intention of illustration, it does a bridge to a legendary icon of Marquis de Sade, wich inspired not only the psychoanalysis itself, but also other knowledge areas.

KEYWORDS: Perversion. Psychoanalysis. Psychotherapy. Marquis of Sade.

LE DONJON DE SADE: UN ESSAI SUR LA PERVERSION

RÉSUMÉ:

Freud a conceptualisé la perversion pour la première fois dans son ouvrage «Trois essais sur la théorie sexuelle». Au cours du travail d'élaboration de la psychanalyse, l'auteur développe le concept de perversion, bien d'autres psychanalystes après lui. En raison des particularités de la structure perverse, l'écoute en psychothérapie c'est parfois délicate. Néanmoins, la clinique doit répondre aux défis, une fois qu'il a les moyens disponibles capables de atteindre la source des conflits psychiques – les psychopathologies. Ensuite, pour illustrer ce travail une liasion avec le célèbre Marquis de Sadeil, légendaire écrivain qui a inspiré non seulement la psychanalyse elle-même, mais aussi d'autres domaines de connaissance.

MOTS-CLÉS: Perversion. Psychanalyse. Psychothérapie. Marquis de Sade.

Recebido em 12/10/2008

Aprovado em 12/11/2008

© 2009 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura
Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos
Juiz de Fora, MG - Brasil
Tel.: (32) 2102 3117

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista